

Esquerda francesa teme seu próprio fim

Fracasso do governo Hollande dilapidou imagem do Partido Socialista, que agora discute uma 'refundação'

FERNANDO EICHENBERG
Correspondente
eichenberg@oglobo.com.br

PARIS. Em 2017, a direita vencerá as eleições presidenciais na França após a eliminação no primeiro turno do candidato do Partido Socialista (PS), o então primeiro-ministro Manuel Valls, na disputa com Marine Le Pen, da extrema-direita da Frente Nacional (FN). O novo governo contará com nomes da direita radical em seu ministério. Em seu pronunciamento na TV, o recém-eleito presidente da República explicará que esta decisão foi uma "escolha democrática e republicana" face ao dever de ouvir a voz dos eleitores de Marine Le Pen. O presidente deposto, François Hollande, havia invocado razões pessoais para antecipar sua aposentadoria política e não concorrer à reeleição. Reunido em conselho nacional, o PS se interrogará: como explicar a derrota?

A previsão acima encerra o ensaio "Esquerda: o futuro de uma desilusão" (ed. Textuel), do sociólogo Éric Fassin, professor de Ciências Políticas da Universidade Paris 8. Formulada como uma "fábula", como enfatiza o autor, a profecia assombra socialistas em noites insones. Mesmo que ainda faltem dois anos e meio para o pleito que definirá o inquilino do Palácio do Eliseu no próximo mandato, as pesquisas de opinião apontam hoje a exclusão do atual presidente do segundo turno, se fosse o candidato definido pelo partido. Com crescimento econômico nulo, desemprego em constante alta e índice de popularidade em queda, o balanço do governo Hollande até agora não favorece cenários eleitorais otimistas. Mas além do receio do veredicto das urnas — já negativo nos recentes pleitos municipal e europeu —, o PS entrou em crise existencial e de identidade, deitou no divã, e vem sendo acusado de afundar a esquerda no país.

Em junho passado, o próprio premier Manuel Valls acusou o golpe e alertou aos socialistas: "A esquerda pode morrer".

— Ela (a esquerda), nunca esteve tão fraca na história da

5ª República (fundada pela Constituição de 1958). Sentimos bem que chegamos ao final de alguma coisa, ao final talvez mesmo de um ciclo histórico para o nosso partido — desabafou na reunião fechada do conselho nacional do PS.

Eleito sob o slogan de "presidente da mudança", Hollande viu o PS perder cerca de 25 mil militantes em seus dois anos de governo. No mesmo encontro partidário, Valls não descartou vaticínios pessimistas: — Nosso país pode se desmanchar e se entregar a Marine Le Pen. Sim, podemos cair numa nova era, na qual o risco de ver Marine Le Pen no segundo turno existe.

IDEIAS DE DIREITA

Éric Fassin aponta uma "direitização" do PS, uma renúncia ideológica mais do que um fracasso político:

— No começo deste ano, François Hollande reivindicou ser "social-democrata". A mídia saudou esta declaração como um verdadeiro "coming out". Mas sua política

nada tem a ver com a social-democracia, que supõe a busca de um equilíbrio entre trabalho e capital. Ora, o presidente propõe no mesmo momento um "Pacto de Responsabilidade", que é um presente para o patronato sem contrapartida para os trabalhadores. Ele foi eleito declarando: "Meu inimigo é a finança". Uma vez no poder, se quer "o amigo dos patrões". Longe de "assumir" a social-democracia, ele a reivindica para melhor enterrá-la.

O deputado franco-brasileiro Eduardo Cypel, nome em ascensão no PS, tem se multiplicado em programas de TV, de rádio e em artigos em jornais e revistas para explicar a crise socialista e não deixar o eleitorado do partido em desespero. O parlamentar minimiza a desfiliação de militantes, ao defini-la como um fenômeno natural e conjuntural. E desqualifica como "briguinha de palavras" o atual debate em torno de nomenclaturas ideológicas.

— Há muito tempo o PS é um partido social-democrático, que aceita a econo-

▼ O QUE ELES DIZEM

"Sou social-democrata? Sim. Não é o futuro de um partido, de uma ideologia, que professo. Trata-se do futuro da França"

François Hollande
Presidente da França

"(A esquerda) nunca esteve tão fraca. Sentimos que chegamos ao final de um ciclo histórico para o nosso partido."

Manuel Valls
Primeiro-ministro francês

"A esquerda não está morta, mas o PS pode morrer. A esquerda pode sumir do eixo central da política francesa se perdermos a credibilidade."

Eduardo Cypel
Deputado socialista

mia de mercado, mas que acredita que ela deve ser regulada — defende. — Acho tudo isto muito estéril. Temos de produzir palavras e definições novas para sair deste jogo de "social-democracia", um termo que já está desgastado, associado à experiência da esquerda anglo-saxã, de Tony Blair, que ganhou uma conotação liberal.

Para Cypel, são necessárias uma "refundação" do PS e uma "reforma" do atual modelo francês, num novo modo de crescimento econômico, mas sem "liberalizar tudo como quer a direita", ressalva. A primeira etapa será deflagrada no próximo fim de semana, durante o tradicional encontro do partido no final do verão europeu, na cidade de La Rochelle. A reunião deverá estabelecer as regras para a convocação dos Estados Gerais do PS, um processo amplo e aberto de discussão.

— A esquerda não está morta, mas o PS pode morrer. A esquerda pode sumir do eixo central da política francesa se perdermos a credibilidade a longo prazo. Precisamos redefinir a identidade do PS e o nosso projeto. Este processo deverá ser concluído até dezembro. Teremos uns três meses para rediscutir nossa doutrina. No ano que vem haverá um congresso, e um texto final deverá ser votado pelos militantes e o conselho nacional — explica.

RENZI, A NOVA ESPERANÇA

Éric Fassin só vê alguma saída para o PS se for estancada a tendência crescente de imita" a direita e não se deixar submeter ao realismo, mas propor alternativas. Do contrário, a extrema-direita será fortalecida. Na França, a fragilidade do PS não favoreceu a esquerda radical, como ocorreu na Grécia, por exemplo. Para o sociólogo, uma das explicações é sócio-econômica:

— Os planos de austeridade são mais radicais na Grécia. Na França, uma parte da população permanece relativamente protegida. Os gregos não têm mais nada a perder; os franceses ainda acreditam poder salvar alguns privilégios, e temem ainda mais o questionamento de velhos hábitos.

A decepção Hollande como modelo na esquerda europeia foi substituída pela esperança no primeiro-ministro italiano Matteo Renzi, líder do Partido Democrático (PD). Fassin, no entanto, se mostra igualmente cético com esta hipótese:

— É sempre a mesma história: de Blair a Zapatero (José Luis, ex-líder socialista espanhol) fizeram acreditar que o futuro é uma "esquerda moderna", ou seja, além da "look" juvenil, políticos que consideram que a oposição entre direita e esquerda está ultrapassada. Com Renzi é a mesma coisa.

Enquanto se acreditar salvar a esquerda renunciando a ser de esquerda se fará o jogo da "direitização", condenando a esquerda ao fracasso. ●



Desilusão. O premier Manuel Valls (à esquerda) e o presidente François Hollande: hoje, socialistas estariam fora de um hipotético segundo turno nas próximas eleições presidenciais

Merkel: ajuda de € 500 milhões à Ucrânia

Comboio regressa à Rússia, e líder alemã pede aos dois lados empenho pela paz

KIEV. Em visita a Kiev, a chanceler federal da Alemanha, Angela Merkel, demonstrou ontem seu apoio à Ucrânia anunciando uma ajuda de € 500 milhões para reconstruir as áreas devastadas pela guerra separatista no Leste. Após um encontro com o primeiro-ministro Petro Poroshenko, Merkel disse acreditar que o conflito pode ser resolvido, mas que para isso é preciso haver um maior controle da fronteira entre Ucrânia e Rússia, por onde supostamente entram armas para ajudar na rebelião separatista. Ela não afastou a possibilidade de novas sanções contra o governo de Vladimir Putin.

— Não podemos descartar refletir sobre novas sanções se não observarmos progressos — disse a chanceler federal alemã.

REUNIÃO EM MINSK NA TERÇA-FEIRA
Poroshenko comparou a ajuda alemã ao Plano Marshall para a Europa do pós-guerra, mas a chamou de "o início do plano de Merkel". A chanceler, por sua vez, propôs que a fronteira entre Ucrânia e Rússia seja supervisionada pela Organiza-

ção para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE).

— Necessitamos agora um cessar-fogo das duas partes e, claro, do controle da fronteira russo-ucraniana. Caso contrário, não se poderá conseguir a paz — disse a chanceler federal.

Vladimir Putin e Petro Poroshenko vão se encontrar na terça-feira em Minsk, capital da Bielorrússia, para discutir a guerra separatista no Leste da Ucrânia, que já deixou mais de dois mil mortos e cinco mil feridos, segundo a ONU. Para diplomatas, esta é a melhor oportunidade desde o começo do conflito — que já dura mais

de quatro meses — para selar uma aproximação, num momento em que a Rússia é acusada de apoiar os rebeldes. A visita de Merkel procurou não só mostrar apoio a Kiev, mas também aconselhar Poroshenko a buscar um acordo, dizem fontes.

— O planos estão em cima da mesa sobre como conseguir a paz e uma boa cooperação entre os países. Espero que a conversa com a Rússia seja um sucesso — disse a alemã.

Poroshenko se mostrou aberto às negociações com a Rússia, mas foi enfático ao dizer:

— Nenhum acordo de paz

GLEB GARANICH/REUTERS



Apoio à Ucrânia. Angela Merkel é recebida por Petro Poroshenko em Kiev

merece sacrificar a integridade territorial da Ucrânia. Tirem os que trazem armas aos nossos territórios e a paz na Ucrânia será restabelecida rapidamente.

ESTÁDIO É ATINGIDO

A visita de Merkel acontece em um dos momentos mais tensos nas relações de Ucrânia e Rússia. A Otan afirma que o Exército russo está ativo dentro da Ucrânia, ajudando os rebeldes separatistas. Na sexta-feira, um comboio russo de ajuda humanitária entrou em território ucraniano sem a permissão de Kiev, o que enfureceu o governo e países ocidentais. Os Estados Unidos exigiram a retirada imediata dos comboios russos, senão Moscou poderia sofrer mais sanções.

Ontem, o comboio saiu da Ucrânia após deixar a carga, que segundo Moscou continha comida enlatada, água, medicamentos e geradores de energia.

Horas antes da chegada de Merkel, houve bombardeios em Donetsk que resultaram em três mortos da mesma família que buscava refúgio em um abrigo antiaéreo. O estádio do clube Shakhtar Donetsk, onde jogam 13 brasileiros, também foi alvo de duas explosões, que danificaram equipamentos e serviços de comunicação e energia. Segundo informações no site do clube, não houve feridos. ●

Hamas assina proposta de Abbas para aderir ao TPI

Bombardeio israelense na Faixa de Gaza destrói prédio de 12 andares

GAZA. Em uma decisão surpreendente, o grupo Hamas confirmou ontem que assinou a proposta de adesão do presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Mahmoud Abbas, em seu plano de fazer parte do Tribunal Penal Internacional (TPI) contra crimes de guerra, contra a Humanidade e genocídio. A partir da assinatura da ANP com o TPI, Israel poderia ser denunciado, mas o próprio Hamas poderá ser investigado por crimes de guerra.

O anúncio, feito pelo número dois do grupo, Musa Abu Marzuq, ocorreu após dois dias de reuniões no Qatar entre Abbas e o líder do Hamas no exílio, Khaled Meshaal. De acordo com o negociador Saeb Erakat, agora só falta a Jihad Islâmica assinar o documento, mas a organização ainda está estudando a possibilidade. O presidente da ANP tinha avisado anteriormente que só iria aderir ao TPI depois que todos os grupos palestinos assinassem o acordo. Já Israel assinou o Estatuto de Roma, para participar do TPI, mas não o ratificou.

O confronto ontem foi marcado pelo lançamento de dois foguetes a partir do Líbano, com um deles atingindo um prédio na cidade de Acre, no Norte, sem causar vítimas. O Exército respondeu com disparos de artilharia contra o território libanês. Em julho, pelo menos nove foguetes foram lançados do Líbano.

Na Cidade de Gaza, um bombardeio israelense destruiu um edifício residencial de 12 andares. Cerca de dez pessoas ficaram feridas, entre elas quatro crianças. Não houve mortes, já que antes do ataque os moradores foram ordenados a deixarem o local. Segundo Israel, o local era usado como centro de comando do Hamas. Foram disparados pelo menos 106 foguetes pelo Hamas, com Israel lançando 59 ataques sobre a Faixa de Gaza. ●

Microsoft

acesse
Kalunga.com
+130lojas

COPACABANA Rua Barata Ribeiro, 181
DUQUE DE CAXIAS (PREZUNIC CENTER)
Rua José de Alvaranga, 95
NOVA IGUAÇU Av. Nilo Peçanha, 639